

## HABILIDADES SOCIAIS NA INFÂNCIA

### SOCIAL SKILLS IN CHILDHOOD

Cristiano Proença Santos<sup>1</sup>

Danielle Barbosa Martins Rodrigues Mesquita<sup>2</sup>

Danielle Priscilla dos Reis Nonato<sup>3</sup>

Luciana Martins Rodrigues de Oliveira<sup>4</sup>

Luciene Gercy Rodrigues Sousa<sup>5</sup>

Sara Lima Nascimento<sup>6</sup>

**RESUMO:** Este artigo é uma aproximação do tema “Habilidades sociais na infância” e tem o intuito de apresentar uma breve discussão sobre o assunto com foco nos benefícios do “Treinamento de habilidades sociais na infância” para a mudança de comportamentos não adequados a espaços sociais, especificamente a escola. Objetivou-se discutir a importância de proporcionar repertórios de respostas comportamentais para que as crianças possam conviver melhor na sociedade. O trabalho apresenta um breve histórico e a relevância da pesquisa sobre treino de habilidades sociais na perspectiva de Caballo (1996, 2002, 2012), Del Prette e Del Prette (1999, 2005, 2014).

**Palavras-chave:** Habilidades Sociais. Infância. Comportamento. Educação Infantil.

**ABSTRACT:** This article is an approach to the theme “Childhood Social Skills” and aims to present a brief discussion on the subject focusing on the benefits of “Childhood Social Skills Training” for changing behaviors that are not suitable for social spaces. , specifically the school. The objective was to discuss the importance of providing repertoires of behavioral responses so that children can live better in society. The paper presents a brief history and relevance of research on social skills training from the perspective of Caballo (1996, 2002, 2012), Del Prette and Del Prette (1999, 2005, 2014).

**Keywords:** Social Skills. Childhood. Behavior. Child education.

<sup>1</sup> Graduado em Educação Física pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, Graduado em Pedagogia pela Faculdade INVEST de Ciências e Tecnologias.

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, Especialista em Educação Infantil pela FAUC com parceria pelo Instituto Educar.

<sup>3</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Especialista em Ensino de Artes na Educação Infantil pelo Instituto de Ensino Superior de Minas Gerais – IESMIG.

<sup>4</sup> Especialista em Docência da Educação Infantil e Anos Iniciais pela Faculdade Evangélica Integradas Cantares de Salomão - FEICS.

<sup>5</sup> Graduada em Pedagogia pela Faculdade Evangélica Integradas Cantares de Salomão – FEICS, Especialista em Docência da Educação Infantil e Anos Iniciais pela Faculdade Evangélica Integradas Cantares de Salomão - FEICS.

<sup>6</sup> Graduada em Letras/Literatura pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Graduada em Pedagogia pela Faculdade INVEST de Ciências e Tecnologias, Especialista em Educação de Jovens e Adultos pela Faculdade Integrada de Vázea Grande, Especialista em Alfabetização e Letramento pela Faculdade Metropolitana, Especialista em Educação Infantil e Letramento pela Faculdade Metropolitana.

## I. INTRODUÇÃO

A discussão sobre o comportamento antissocial infantil na ótica da psicologia comportamental pode ser feita em, pelo menos, duas áreas teóricas: teorias biossociais e psicossociais. As teorias biossociais defendem que há fatores fisiológicos e genéticos envolvidos na manifestação do repertório antissocial. De acordo com pesquisas nessa direção, uma exposição a relações mal adaptativas darão potencial às tendências biológicas para condutas antissociais (GOMIDE, 2014). As teorias psicossociais compreendem o comportamento antissocial como resultado da socialização inadequada da criança na família e demais condições ambientais que reforçam a conduta em questão (GOMIDE, 2014).

Quase todas as realizações humanas demandam o contato social. Seja quando pedimos um favor a nosso vizinho, seja quando compramos algo no mercado, seja quando ingressamos na faculdade, seja, ainda, quando começamos a trabalhar em uma empresa, todas essas situações supõem uma troca, uma relação agradável para que possamos viver bem e desenvolver nossas atividades normalmente.

O mesmo acontece com as crianças quando entram na escola: nesse ambiente novo, precisarão interagir com colegas de sala e professor de forma saudável para que possam conviver bem e ter um bom desenvolvimento. Muitas vezes, o novo causa estranheza às crianças, e o conflito entre elas, provocado por diversas razões, é inevitável. Lidar com esses conflitos exige do professor uma preparação adequada.

Nessa direção, e considerando que o contato social é fundamental para o desenvolvimento de qualquer indivíduo, este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo socializar a importância das Habilidades Sociais (HS) no trato pedagógico com crianças que apresentam problemas no comportamento. Embora muito se critique crianças que apresentam comportamentos inadequados ou indesejados socialmente, na maioria das vezes não se dá importância para solucionar tais comportamentos.

Parece que pouco se faz de modo eficaz para que se possam modificar tais comportamentos indesejados. A nosso ver, em razão de o assunto das Habilidades Sociais ser pouco divulgado, muitas vezes a criança padece e é criticada sem que se consiga ajudá-la a conviver bem socialmente. Este cenário trouxe-nos 8 inquietação e motivou-nos a encontrar algumas estratégias pedagógicas para administrar conflitos interpessoais na educação infantil.

As Habilidades Sociais ocupam-se de comportamentos desejáveis para que a pessoa se relacione com o outro de forma satisfatória para ambos. Embora, em geral, o trabalho com as habilidades sociais seja utilizado em clínicas para resolver conflitos do comportamento, esse treinamento pode se estender para muitos outros meios, incluindo a escola.

Admitindo essa possibilidade, o presente trabalho parte da ideia de que quanto mais pessoas souberem de práticas educativas com as Habilidades Sociais, menos as crianças padecerão por falta de auxílio para desenvolver a empatia em relação aos demais, podendo, assim, estar na sala de aula e compartilhar ideias, brinquedos, interações, saberes, entre outros. Tornando-se, portanto, crianças mais saudáveis.

Evidenciando os benefícios das Habilidades Sociais e entendendo que esse tipo de intervenção pode contribuir para a melhoria da sociedade, o presente trabalho propõe um olhar mais próximo para a criança com a intenção de ajudá-la a desenvolver comportamentos adequados. Com foco nas pesquisas de Caballo (1996, 2002, 2012) e Del Prette e Del Prette (1999, 2005, 2014), espera-se ampliar as contribuições nessa direção.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Habilidades Sociais

Desde o nascimento, temos relações interpessoais, e as primeiras experiências de aprendizagem de interação se dão com os pais. Estes representam os primeiros contatos da criança com o outro, e é também por meio deles que ela é apresentada ao mundo. Isso explica por que as crianças tendem a observar muito seus pais/responsáveis e o meio ao redor para, nessa fase inicial, aprenderem e reproduzirem os comportamentos ali verificados. Ao ensinar seus filhos, muitos pais reproduzem modos de educar transmitidos em família de geração a geração. Não é incomum um adulto dizer, antes mesmo de ter seus filhos, que quando gerar uma criança, dará a ela a mesma educação que recebeu de seus pais.

Muitos, na tentativa de educar seus filhos da mesma forma como foram educados, acabam falhando, pois a criança que nasceu dez anos atrás não é a mesma dos dias atuais. Cada contexto e meio são diferentes. Se desconsiderarem isso, os pais tendem a falhar de alguma forma na educação dos seus filhos e a gerar problemas de comportamento neles. Porém, quando tais problemas já se instalaram, há possibilidades de fazer intervenções para solucioná-los. Entre as possíveis intervenções, destacamos a das Habilidades Sociais (HS),

práticas cotidianas que podem favorecer a interação saudável e harmoniosa com as demais pessoas (CABALLO, 1996).

As habilidades sociais se apresentam como uma espécie de modelação de comportamentos considerados indesejados para a sociedade, a fim de se chegar a comportamentos desejados. Para trabalhar habilidades, é preciso compreender tanto o seu objetivo quanto o processo que se deve cumprir para alcançá-lo. Sendo, portanto, as HS um meio de intervenção para adequação de comportamentos do indivíduo, é necessário criar estratégias para chegar a tais objetivos, as quais podem ser compreendidas como habilidades sociais que atendam às demandas da sociedade e possibilitem a boa convivência (CABALLO, 1996).

O conceito de Habilidades Sociais é algo complexo, pois existem várias definições, logo vários significados, de acordo com o contexto social.

Conforme Caballo (2012, p. 3): “A habilidade social deve ser considerada dentro de um contexto cultural determinado, e os padrões de comunicação variam de forma ampla entre culturas e dentro de uma mesma cultura, dependendo de fatores como idade, sexo, classe social e educação”.

3015

Conforme este mesmo autor, fica difícil encontrar apenas uma definição para Habilidades Sociais, pois existem graus de eficácia para cada situação que variam de acordo com o contexto em que a pessoa se encontra. Da mesma forma, não existe somente um padrão de comportamento considerado inadequado mundialmente. Os comportamentos variam de pessoa para pessoa, afinal são conjuntos de ações e reações que um indivíduo tem e podem se modificar de acordo com diferentes situações, ambientes e meio social em que a pessoa está situada.

Vivemos em uma sociedade com diversos costumes, normas e regras que são impostos de acordo com diferentes culturas familiares. Por esse motivo, há controvérsias sobre quais são os comportamentos convenientes e inconvenientes, pois um mesmo comportamento pode ser considerado conveniente em determinados meios e inconveniente em outros. Ou seja, dois indivíduos que se comportem da mesma maneira, porém em situações e meios diferentes, podem atrair julgamentos diferentes em relação à sua conduta. Pode também acontecer de um mesmo contexto apresentar dois indivíduos agindo de maneiras completamente diferentes. São variações constantes de comportamento, em que podem estar presentes influências de crenças e valores (CABALLO, 2012).

Merecem destaque, quando tratamos das Habilidades Sociais, as maneiras e modos como os comportamentos indesejados são revertidos. O uso explícito do termo habilidades significa que a conduta interpessoal consiste em um conjunto de capacidades aprendidas de atuação (CABALLO, 2012). Contudo, as Habilidades Sociais são necessárias para atingir objetivos necessários e são utilizadas para interferir em tais comportamentos inadequados.

Ainda, segundo o autor, há muitas crianças com comportamentos considerados inadequados. Como exemplo, podemos mencionar o comportamento antissocial, que é uma característica que pode se manifestar desde muito cedo e, se não for trabalhada, pode causar graves problemas. O antissocial costuma ter um comportamento repetitivo, apresenta condutas violentas perante pessoas e animais, pode se isolar, transgredir regras sociais, entre outras ações. Por isso, é de suma importância observar os comportamentos das crianças pequenas para uma possível intervenção (MARINHO; CABALLO, 2002).

[...] infrinja regras sociais ou que seja uma ação contra os outros, tais como comportamentos agressivos, comportamento infrator (furto, roubo etc.), vandalismo, piromania, mentira, ausência escolar e/ou fugas de casa, entre outros, apresentados em altas frequência e intensidade ou magnitude (MARINHO E CABALLO, 2002, p. 142).

3016

É preciso entender que o comportamento antissocial exerce uma função na relação do indivíduo com o ambiente, e essa relação pode estar ligada principalmente às características da interação familiar e às condições econômicas. Em outras palavras, esses comportamentos podem ter sido desenvolvidos em casa, nas práticas educativas. A maneira como os pais interagem com seus filhos e os educam é crucial na promoção de comportamentos socialmente inadequados ou adequados, portanto a falha na interação e a maneira como as crianças são educadas podem, muitas vezes, prejudicar a interação da criança com os pares e adultos para uma boa convivência (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2014).

Segundo estudos dos autores, as famílias de crianças antissociais têm como perfil de disciplina a severidade e o autoritarismo, ou mesmo a ausência do reforço positivo. Há famílias que contribuem para que a criança se comporte antissocialmente ao falharem na aplicação da punição e do reforço pró-social. Tomemos como exemplo uma criança que tem por costume ser agressiva. Em vez de conter a agressividade e mostrar que o que foi feito causa consequências, como machucados e outros danos, a família, equivocadamente, agride a criança ou então a retira do local para não apresentar mais esses comportamentos em dado

momento, falhando na busca do convívio social. Na medida em que retiramos a criança agressiva do local e do convívio com outros indivíduos, impedimos que ela consiga se inserir naquele meio imediato e, por consequência, se adequar de uma maneira mais ampla à sociedade.

É necessário que a relação familiar seja agradável, que haja um bom convívio entre todos os integrantes, vínculos fortes entre pais e filhos, para que o certo e o errado, o que se deve e o que não se deve fazer sejam comunicados com clareza, sempre explicando os motivos das regras. Porém, se este vínculo entre pais e filhos for fraco, pode implicar o fracasso no controle, deixando a criança com a falta de interação, sem confiança de expor seus sentimentos, suas vontades e, assim, propensa a infringir regras da sociedade (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2014).

Crianças com comportamentos antissociais, agressivos, de isolamento e sem limites sofrem para viver em sociedade, a escola incluída. Ao adentrarem esta instituição, sentem um bloqueio que, conseqüentemente, causa várias dificuldades (na leitura, na aprendizagem, na comunicação). Além disso, experimentam obstáculos no relacionamento com os demais alunos e acabam adquirindo sentimentos de rejeição. De acordo com Del Prette e Del Prette (2014), crianças que costumam ter comportamentos agressivos na escola tendem a ficar isoladas, em razão de os demais colegas as rejeitarem por causa da agressividade, não as deixando participar de seus grupos. Com isso, sentem a rejeição e aumentam a sua agressividade por não saberem lidar com a indiferença (rejeição).

Conseqüentemente, conforme os autores, alunos com comportamentos inadequados são vistos negativamente na sociedade e na escola, pois, como foi dito, tendem a ter dificuldades de interação, o que interfere na sua aprendizagem. Muitas vezes, os professores lidam com esses alunos de formas mais rígidas e punitivas do que as que costumam empregar com os demais alunos da sala, e isso prejudica ainda mais sua autoestima e autoconfiança, contribuindo para que tais comportamentos agressivos e isolamentos aumentem ainda mais.

Crianças ou adolescentes que apresentam comportamento antissocial são percebidos como socialmente incompetentes, à medida que utilizam mecanismo de interação e de solução de problemas considerados socialmente inadequados (MARINHO E CABALLO, 2002, p. 142).

Com a entrada da criança na escola, acontecem várias mudanças para ela e para seus pais. Muitas vezes, a criança aprende a ser coercitiva em suas interações com a família e, ao

chegar à escola, pode resistir às regras do local, causando transtornos e passando até mesmo a imagem de incompetente em assimilar as normas de convivência. É preciso que o educador saiba manejar a situação e nunca pense que o aluno é incompetente para realizar atividades. Também não deve desistir dele, deixando-o à solta, como se fosse incapaz de compreender as normas do local. É necessário que sempre haja uma conversa com os pais para que se obtenha uma boa relação entre família e escola.

Para uma modificação de comportamentos, existem métodos de Treinamento de Habilidades Sociais (THS) que são uma ferramenta que pode ser utilizada para tratar de problemas de convivência, seja na escola ou outros espaços. De acordo com Del Prette e Del Prette (1999, p. 30), o THS<sup>2</sup> se apresenta como um “método de tratamento cujo refinamento conceitual depende, em grande parte, dos resultados práticos e teóricos de sua aplicação na superação de déficits e dificuldades interpessoais e na maximização de repertórios de comportamentos sociais”.

Sendo assim, o tratamento contra os problemas de comportamento contribui para a extinção de tais comportamentos, como, por exemplo, a agressividade, que impede o convívio ideal em sociedade. O THS pode ser definido como um treinamento para novos comportamentos. Em outras palavras, trata-se de um conjunto de estratégias habilidosas interpessoais com o objetivo de melhorar os relacionamentos para uma melhor qualidade de vida. Segundo Caballo (1996, p. 367): “O treinamento de habilidades sociais se adere a um enfoque comportamental de aquisição da resposta, isto é, normalmente concentra-se na aprendizagem de um novo repertório de respostas”. Um comportamento que socialmente não é adequado pode ser trabalhado para que seja revertido em um comportamento adequado e se alcancem as respostas esperadas. Mas é preciso considerar que, para chegar ao resultado, é necessário um processo.

O treinamento é uma intervenção com técnicas para possíveis procedimentos com crianças que apresentam comportamentos socialmente inadequados em diversas situações. Com base nas ideias de Caballo (2012), a seguir apresentamos resumidamente algumas técnicas de THS que podem ser utilizadas:

A modelação, que são treinos para uma aprendizagem que se dá pela observação, mostrando para a criança o comportamento adequado que lhe permitirá perceber uma forma alternativa de se comportar. Por exemplo: uma criança que se comporte agressivamente ao perder um brinquedo para um colega e age batendo em sua parceira. Ao intervir, é necessário



que o facilitador mostre a maneira adequada para a criança, podendo ser verbalmente ou até mesmo lhe mostrando um vídeo que represente a mesma situação, porém com um desfecho ideal, evidenciando que sempre há uma alternativa para resoluções de problemas. No treinamento de modelação, é de suma importância mostrar o comportamento inapropriado e explicar as consequências que ele pode vir a causar.

O reforço serve também para adquirir outros comportamentos. As ações adequadas das crianças podem ser incentivadas com a utilização de elogios. Nesse caso, a forma assumida é a verbal. Mas componentes não verbais também podem ser utilizados: sorrisos, aplausos, abraços e carinhos. Por exemplo: se a cada vez que a criança apresentar um comportamento desejável, o facilitador elogiar a sua atitude, ela tenderá a repetir esse comportamento, aumentando a probabilidade de que ele volte a ocorrer outras vezes. Conforme os autores, os elogios são comportamentos verbais que ressaltam a autoestima do indivíduo, funcionando como reforçadores sociais que podem tornar a convivência e interações sociais mais agradáveis.

1. Os outros desfrutam, ao ouvir expressões positivas, sinceras, sobre como nos sentimos com a relação a eles. 2. Fazer elogios ajuda a fortalecer e aprofundar as relações entre duas pessoas. 3. Quando se fazem elogios aos demais, é menos provável que se sintam esquecidos ou não apreciados. 4. Nos casos nos quais é preciso expressar sentimentos negativos ou defender os direitos legítimos diante de alguém, é menos provável que se produza um enfrentamento emocional se tais comportamentos ocorrerem em uma relação na qual previamente foi feito algum elogio sobre outros aspectos do comportamento do indivíduo (GALASSI E GALASSI, 1997 apud CABALLO, 2012, p. 254).

Muitas vezes, não prestamos atenção ou então não damos tanta importância quando alguém se comporta de maneira que nos agrada e deixamos que esse evento passe de forma despercebida. Porém, quando um comportamento não nos agrada, na mesma hora o constatamos e repreendemos a pessoa, quando nosso alvo deveria ser o seu comportamento. É de suma importância reagir elogiando os comportamentos que nos agradam, pois, ao procedermos assim, sempre mostrando a outra pessoa o que gostamos em seu comportamento, contribuimos para que essa maneira de agir venha a se repetir.

Existem indivíduos que não costumam aceitar elogios diretamente, seja por não saberem lidar com eles, seja por timidez, seja por alguma outra razão. Nesses casos, é necessário mudar a maneira de elogiar. Por exemplo, em vez de dizer: “Parabéns, você construiu um belo castelo”, perguntar: “Nossa, como você construiu?” Dessa forma, o ouvinte não ficará envergonhado ao receber o elogio e, ao mesmo tempo, terá sua ação



valorizada, sentindo que o que fez foi legal, e as pessoas gostaram. Com o passar do tempo, podemos fazer um elogio diretamente, aumentando pouco a pouco a frequência, até a pessoa aceitar positivamente.

Assim como algumas pessoas se sentem retraídas ao receber elogios, acontece também de outras evitarem fazer pedidos, por medo de estarem abusando, ou então de o pedido ser recusado. E também existem pessoas que se mostram agressivas quando pedem algo, portando-se de maneira exigente, dando ordens.

[...] Pedir favores, pedir ajuda e pedir a outra pessoa que mude o seu comportamento. Essa categoria implica que o paciente seja capaz de pedir o que quiser sem violar os direitos dos outros. Um pedido se faz de tal maneira que não tende a facilitar a recusa por parte da outra pessoa; a pessoa que faz o pedido espera que este seja aceito (CABALLO, 2012, p. 257).

Como se vê, o THS também ensina a trabalhar com as crianças em relação a fazer pedidos, conscientizando-as de que um pedido não é uma exigência. Se não entenderem isso, ao exigirem, continuarão violando os direitos de outra pessoa e invadindo o seu espaço. Da mesma maneira que a criança tem o direito de pedir, a outra pessoa tem o direito de não aceitar, portanto é necessário compreender que todos têm os seus direitos. Outro aspecto a considerar é o seguinte: ao fazer um pedido, temos que pensar antes se realmente esse pedido é necessário, para não incomodar a outra pessoa com algo irrelevante. É preciso estar preparado tanto para o “sim” quanto para o “não” e respeitar o que o outro vai dizer.

Essas são algumas das ações de THS que podem servir de estratégia e escolha para mudança de comportamentos indesejados. A cada caso é preciso pensar na escolha de estratégias para a reversão de comportamentos. Pensar em desenvolver habilidades sociais requer pensar nas relações sociais interpessoais. O impacto da intervenção varia em cada pessoa, situação e comportamento apresentado (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 1999).

A capacidade do indivíduo em apresentar um desempenho que garanta, simultaneamente: a) a consecução dos objetivos de uma situação interpessoal; b) a manutenção ou melhoria com seu locutor, incluindo-se aí a busca de equilíbrio do poder e das trocas de relações; c) a manutenção ou ampliação dos direitos humanos socialmente estabelecidos. Portanto o THS é uma técnica de eficácia comprovada voltada às necessidades interpessoais, sendo inclusive utilizada para a melhoria da convivência de pessoas que já tiveram problema social, seja de comportamentos, seja de dificuldades de interação (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 1999, p. 47).

Vale ressaltar que os Treinamentos de Habilidades Sociais são utilizados para promover o comportamento que buscamos e para uma qualidade de vida em diferentes

etapas do desenvolvimento. Ele pode ser utilizado por pais, educadores, facilitadores e responsáveis por crianças para a promoção de competência social.

## 2.2 A importância das habilidades sociais na infância

Vivemos um tempo em que ocorrem muitas mudanças, em que as sociedades rapidamente se modificam, adaptando-se a novos valores. Em decorrência disso, existem situações que exigem de nós uma preparação para atender as necessidades da infância se o que se objetiva é um desenvolvimento saudável das crianças e um melhor convívio entre elas. As crianças se situam em diversos ambientes em que são aplicadas diversas regras, muitas das quais contraditórias na cabeça delas. O ambiente escolar é um exemplo: as regras ali instituídas podem fazer com que se sintam confusas ou mesmo resistentes ao convívio com a professora e os demais alunos que trazem valores diferentes dos que existem em sala (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2014).

Conforme os autores, crianças que vivem em um ambiente totalmente violento, sem regras, ao chegarem à escola podem opor certa resistência e experimentar um bloqueio à obediência das regras para um bom convívio social nesse novo ambiente, gerando diversos problemas. Para lidar com esses desafios e remover os problemas sociais que prejudicam a qualidade de vida das crianças, sua interação com o meio e bem-estar, é preciso trabalhar com elas um repertório de habilidades sociais. A melhoria de relacionamento deve ser pensada como uma conquista que se estenda a diversos contextos, de modo que a criança possa se sentir feliz ao interagir e ser compreendida.

Assim como no nosso cotidiano enfrentamos diversos problemas, seja no trabalho, na faculdade, em casa e entre outros lugares, na vida da criança acontece a mesma coisa, porém muitas vezes não paramos para pensar nos motivos que fazem as crianças desenvolverem comportamentos considerados inadequados socialmente. É preciso lembrar que a criança, num primeiro momento, está em seu período de descobertas, vivências e interações com diversos meios, o que faz com que suas atitudes mudem nas diferentes situações com as quais se depara. Ou seja, devemos cuidar para não considerar socialmente inadequado um comportamento infantil normal para sua faixa etária.

Há diversos tipos de crianças: quietas, tímidas, agitadas, agressivas, entre outras. Vale ressaltar que cada criança é criada de maneira diferente, influenciada, portanto, por sua respectiva cultura. Na escola, muitas vezes idealizamos uma criança com determinado tipo

de comportamento. Por exemplo: aquela criança que obedece, que não fala, que faz as atividades sem perguntar nem dar trabalho, com a mesma cultura do professor. Porém a realidade é outra, pois encontramos crianças com valores, crenças e culturas diferentes e que vão conviver diariamente no mínimo seis horas por dia, entre atritos e harmonia.

Sabemos que conviver por muitas horas com alguém diferente de nós não é uma tarefa fácil, pois envolve vontades diferentes e é tarefa impossível conseguir agradar a todos. É preciso muita paciência e respeito para conviver bem. Na vida da criança, não é diferente. Sua entrada na escola envolve muitos fatores, a maioria relacionada ao quesito familiar. Há um sentimento de desvinculação entre pais e filhos que faz com que a criança se sinta muitas vezes com os sentimentos à flor da pele nesse meio até então desconhecido, com pessoas desconhecidas e com regras que lhe são impostas. Assimilar tudo isso não é uma tarefa fácil, e é preciso que o educador compreenda essas mudanças que acontecem na vida das crianças.

É um grande desafio trabalhar com situações como essas, de crianças sem limites, que se comportam com agressividade, gerando problemas para elas mesmas e, conseqüentemente, para os demais que estão a sua volta. Facilitar o convívio e o desenvolvimento destas crianças exige preparo do educador.

3022

É necessário o educador pensar que os problemas fazem parte do dia a dia da sala de aula e que sempre irão surgir situações que trazem infelicidade. Muitas vezes, os problemas são ignorados. É preciso, ao se deparar com eles, motivar-se para a efetiva resolução. Diante de situações desagradáveis, é correto pensar antes de tentar resolver na base do “ferro e fogo”. É preciso refletir sobre quais são as alternativas, prever as conseqüências e selecionar a maneira mais apropriada para cada criança alcançar o melhor resultado.

Isso ocorre quando o educador assume a postura de facilitador para que o problema seja resolvido, conversando com a criança que se envolve em problemas e conscientizando-a disso. E mais, exercendo ações para que haja uma mudança: lembrá-la, por exemplo, do que pode e do que não pode fazer e explicar as conseqüências do ato, indo além da simples negativa sem explicitar o sentido e o porquê do “não”. Muitas vezes, a criança, ao receber um “não” quando tenta fazer alguma coisa, pode simplesmente abandonar tal comportamento numa postura de quem se retrai, o que poderá dificultar seu desenvolvimento e convivência.

Vale ressaltar a importância do facilitador. Antes de aconselhar/reprender os alunos, deve sempre manter a calma e saber identificar o problema e a situação. Antes de

agir, deve pensar em condições que possam solucionar o problema exposto. É preciso ter cuidado com a maneira como irá falar, o que vai dizer, a expressão facial e seu tom de voz. Essa postura do facilitador objetiva o desenvolvimento de um repertório de habilidades sociais que contribui para relações de interações com as crianças. Nesse sentido, de acordo com Del Prette e Del Prette (2005, p. 16): “Habilidades de comunicação, expressividade e desenvoltura nas interações sociais podem se reverter em amizade, respeito, status no grupo ou, genericamente, em convivência cotidiana mais agradável” .

Ao se deparar com crianças que se defendem com agressividade, por exemplo, o facilitador precisa explicar que, em vez de partirem para agressão, é melhor conversarem a respeito do que as chateou para que possam entender o motivo de sua raiva. Deve lhes mostrar possibilidades de resolverem o conflito de outra maneira, partindo de uma conversa, buscando um entendimento mútuo das necessidades individuais, colocando-se no lugar do outro.

Seja em relação à agressividade ou outras ações inadequadas, problemas de comportamento social apresentados na infância necessitam de um acompanhamento com estratégias educativas para uma convivência boa. É necessário que a escola e a família tenham uma boa relação, objetivando a superação de contradições de regras que são impostas nesses diferentes espaços para uma superação de dificuldades interpessoais. Por exemplo: determinados comportamentos das crianças, que são tolerados pelos pais, em casa, acabam recebendo punições na escola. Isso faz com que a criança se sinta confusa. Segundo Del Prette e Del Prette (2005, p. 32): “A cultura, com suas normas e valores, influencia os relacionamentos quando define os padrões de comportamentos valorizados ou reprovados para diferentes tipos de situações, contextos e interlocutores.”

Assim, os valores são usados como reforços para tais comportamentos. Um exemplo disso são os valores religiosos para uma gratificação ou repreensão por determinados comportamentos. Já as normas são regras para serem seguidas. Portanto é preciso fazer a criança entender as normas como um conjunto de situações sociais para que possa fazer a articulação entre essas situações e apresentar desempenhos sociais. O suporte dessa articulação de sentimentos e ações está na competência social. Del Prette e Del Prette (2005, p. 33) afirmam que essa competência é “[...] a capacidade de articular pensamentos, sentimentos e ações em função de objetivos pessoais e demandas da situação e da cultura,

gerando consequências positivas para o indivíduo e para a sua relação com as demais pessoas”.

Crianças que apresentam comportamentos manipulativos, agressivos, típicos de quem quer tudo na sua hora, tendem a ter redução de interação com os demais colegas e reprovação no ambiente social, dificuldades que lhe trarão implicações emocionais. As habilidades sociais são fundamentais para intervir nos comportamentos que são reprovados na sociedade, promover um convívio que traga bem-estar à criança em sala de aula e lhe proporcionar uma boa adaptação nesse ambiente.

Muitas vezes, a emoção implica o comportamento da criança. Daí a importância de entender o que ela está sentindo e de conscientizá-la sobre as maneiras de lidar com suas emoções, fazendo-a pensar a respeito e lhe permitindo desenvolver habilidades de autocontrole e expressividade emocional.

Reconhecer e nomear as emoções próprias e dos outros, falar sobre emoções (positivas e negativas), acalmar-se, lidar com os próprios sentimentos, controlar o próprio humor, lidar com sentimentos negativos (vergonha, raiva, medo), tolerar frustrações, mostrar espírito esportivo (DEL PRETTE E DEL PRETTE (2005, p. 118).

É importante fazer com que a criança possa verbalizar suas emoções. Mas deve-se explicar a ela que o outro colega também tem sentimentos e emoções. É preciso, ainda, que ela compreenda que a raiva e a agressividade não irão resolver nada, pois o outro, diante dessas manifestações de desagrado, não irá entender o motivo por que ela está chateada. Conversar com a criança é de suma importância: ao falar, ela expressa seus sentimentos por meio de palavras, uma forma compreensível de desabafo. E à medida que se coloca, deixando de reprimir sua raiva e descontentamento, tem a possibilidade de ir se acalmado. É preciso que, ao ouvir a criança, o facilitador valide o seu sentimento, compreendendo o que está dizendo para que ela possa ter a liberdade de desabafar e não partir para a agressão. Enquanto ouve o desabafo, é necessário que auxilie a criança para uma nova tomada de atitude, fazendo com que entenda que há outras maneiras de resolver o problema.

Acontece com frequência de algumas crianças resistirem ao momento da conversa, pois estão agitadas pelo calor da situação. Nesse caso, o adulto deve tentar acalmá-la, pedindo-lhe que respire e relaxe, até que possa conversar a respeito.

Também é necessário estimular a criança a identificar o seu sentimento e pensar a respeito dele e de suas ações, fazendo-a refletir sobre o que a incomodou. Se a situação favorecer, pode-se induzi-la a conversar com o colega para pensarem juntos o que pode ser

feito para o problema ser resolvido. Outro fator importante a ser trabalhado é a falta de empatia em crianças, que, nesse caso, tendem a comportamentos antissociais e violentos. De acordo com Del Prette e Del Prette (2005, p.148), “A empatia representa e comunica um dos mais belos recursos do indivíduo para uma vida social e gratificante. Pessoas que exercitam a empatia são vistas como sensíveis, calorosas e amigáveis, produzindo resultados positivos na relação com os demais”.

Trabalhar a empatia nas habilidades sociais é oferecer à criança a oportunidade de, por meio da comunicação, compreender o sentimento do outro. É fundamental fazer exercícios com o outro, tais como: ouvir e ser ouvido, prestar atenção ao que está dizendo, demonstrar preocupação com a situação dele. É o momento de mostrar para a criança a diferença e o respeito, e incentivá-la a compartilhar e ajudar. Esses exercícios validam os sentimentos do outro, melhorando a autoestima dos envolvidos na interação. Além disso, permitem o desenvolvimento de uma comunicação entre ambos e, conseqüentemente, a criação de um vínculo de amizade. É de suma importância esse tipo de contato social, pois a criança tem a oportunidade de se relacionar positivamente com os demais colegas, possibilitando um ajuste recíproco de necessidades e a construção de interações.

3025

É necessário que o educador atue junto à criança para desenvolver nela habilidades que removam a falta de empatia e a agressividade, pois tais comportamentos interferem no rendimento escolar. Conforme Del Prette e Del Prette (2005, p.238), crianças com dificuldades de aprendizagem: “[...] apresentam uma tendência de intenções negativas com os companheiros, agressividade, imaturidade, comportamentos menos orientados para a tarefa e um repertório mais restrito de comportamentos interpessoais apropriados”.

Estes comportamentos não permitem o ouvir, a proximidade de afeto e a troca de informações para uma possível aprendizagem. O ambiente escolar é propício para a relação interpessoal, fazendo com que o educador desenvolva as interações sociais educativas.

[...] aquelas que promovem a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos. Elas dependem tanto da competência interpessoal do professor (para planejá-las e conduzi-las), como da competência social dos alunos para usufruírem dessas interações. Nesse sentido, um repertório elaborado de habilidades sociais de professores e alunos constitui uma vantagem que pode reverter-se em sucesso escolar (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005, p. 241).

Essas interações contribuem com a criança, com os colegas de classe e professores, servindo de motivação em relação às atividades que são feitas na sala de aula, no quesito da troca acadêmica. É de suma importância o professor criar estratégias para que aconteça a

interação entre os colegas. Nesse sentido, uma criança com dificuldade de fazer amizades será grandemente beneficiada. Por exemplo, ao invés de deixar a criança que tem dificuldade de se relacionar isolada no seu canto, é preciso promover atividades para cuja realização ela terá que pedir auxílio a outra criança.

1. Autocontrole e expressividade emocional: reconhecer e nomear as emoções próprias e dos outros, controlar a ansiedade, falar sobre as emoções e sentimentos, acalmar-se, lidar com os próprios sentimentos, controlar o humor, tolerar frustrações, mostrar espírito esportivo, expressar as emoções positivas e negativas.
2. Civildade: cumprimentar pessoas, despedir-se, usar locuções como: por favor, obrigado, desculpe, com licença, aguardar a vez para falar, fazer e aceitar elogios, seguir regras ou instruções, fazer perguntas, responder perguntas, chamar o outro pelo nome.
3. Empatia: observar, prestar atenção, ouvir e demonstrar interesse pelo outro, reconhecer/inferir sentimentos do interlocutor, compreender a situação, demonstrar respeito às diferenças, expressar compreensão pelo sentimento ou experiência do outro, oferecer ajuda, compartilhar.
4. Assertividade: expressar sentimentos negativos, falar sobre as próprias qualidades ou defeitos, concordar ou discordar de opiniões, fazer e recusar pedidos, lidar com críticas e gozações, pedir mudança de comportamento, negociar interesses conflitantes, defender os próprios direitos, resistir à pressão de colegas.
5. Fazer amizades: fazer perguntas pessoais; responder perguntas, oferecendo informações livres oferecidas pelo interlocutor; sugerir atividade; cumprimentar, apresentar-se; elogiar, aceitar elogios; oferecer ajuda, cooperar; iniciar e manter conversação (“enturmar-se”); identificar e usar jargões apropriados.
6. Solução de problemas interpessoais: acalmar-se diante de uma situação problema; pensar antes de tomar decisões, reconhecer e nomear diferentes tipos de problemas; identificar e avaliar possíveis alternativas de solução; escolher, implementar e avaliar uma alternativa; avaliar o processo de tomada de decisão.
7. Habilidades sociais acadêmicas: seguir regras ou instruções orais, observar, prestar atenção, ignorar interrupções dos colegas, imitar comportamentos socialmente competentes, aguardar a vez para falar, fazer e responder perguntas, oferecer, solicitar e agradecer ajuda, buscar aprovação por desempenho realizado, elogiar e agradecer elogios, reconhecer a qualidade do desempenho do outro, atender pedidos, cooperar e participar de discussões (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005, p. 46).

Essas ações devem estar no cotidiano da criança, pois a escola é um local em que certamente ela deverá aprender a conviver. Sendo assim, trabalhar essas classes de habilidades faz com que a criança consiga viver socialmente bem desenvolvendo boas interações interpessoais. Na verdade, essas classes são necessárias para qualquer indivíduo que deseje viver bem e harmoniosamente na sociedade em que está inserido.

De acordo com Del Prette e Del Prette (2005, p. 51): “A aprendizagem de comportamentos sociais e de normas de convivência inicia-se na infância, primeiramente com a família e depois com outros ambientes como vizinhança, creche, pré-escola e escola.” Ou seja, a aprendizagem de comportamentos sociais é responsabilidade do meio em que a criança vive. É à medida que ela vai convivendo com as pessoas, que aprende tais comportamentos.



Especificamente na escola, para se trabalhar com uma criança com problemas comportamentais, é importante primeiro conhecê-la e também os seus limites. Sem isso, não será possível buscar estratégias habilidosas para superar tais conflitos. É também importante reafirmar que a família deve sempre manter parceria com a escola, havendo neste ambiente doméstico uma sintonia em relação ao trabalho do educador com as habilidades sociais junto à criança na instituição escolar. Os pais, em casa, podem também ter a mesma postura, reforçando as ações que são adotadas na escola, eliminando, assim, a separação entre os dois ambientes da criança e combatendo a ideia de que em casa é uma coisa e na escola é outra. Tudo em prol da melhoria da criança e para o seu bem-estar na sociedade.

## CONCLUSÃO

O presente artigo foi um primeiro exercício de aproximação com o tema “Habilidades sociais na infância”. O principal objetivo foi chamar a atenção para a dificuldade que tem a criança com seus comportamentos socialmente inadequados. Infelizmente, muitas vezes esses comportamentos acabam sendo julgados e criticados sem que alguém tenha um olhar mais próximo e possa ajudar as crianças que sofrem por não conseguirem uma inserção adequada na sociedade e, em consequência, quase sempre são discriminadas.

3027

O “Treino de Habilidades Sociais” pode ajudar crianças que sofrem pela falta de empatia, pelo mau comportamento, pela agressividade, entre outros comportamentos negativos. E existem muitas maneiras de se trabalhar com essas crianças, sendo uma delas a proposta aqui apresentada. Cada comportamento inadequado deve ser analisado com empatia para que se apliquem as estratégias adequadas, sempre focando o desenvolvimento integralmente saudável da criança.

Este artigo nos fez repensar o quanto é importante para a criança ter alguém com que possa contar e que lhe ensine bons princípios para sua vida social. Não é tarefa fácil conviver com as pessoas, pois cada qual tem personalidade diferente. Assim, é preciso aprender princípios considerados adequados pela sociedade. A falta ou a inadequação de interações interpessoais podem causar complicações na vida social da criança, pois as pessoas tendem a se afastar de quem se comporte mal. Colegas de sala de aula tendem a se afastar dos amigos que agem, por exemplo, com agressividade e egoísmo.

É importante que haja práticas de Treinamento de Habilidades Sociais para as crianças que envolvam a família e a escola, construindo uma relação que favoreça junto às crianças o trabalho de ensino de comportamentos que são aprovados socialmente. Porém, para que o THS esteja presente nas famílias, é importante que estudos como este cheguem a elas por meio de leituras, palestras e reuniões nas escolas.

Concluimos reafirmando que este estudo me fez relacionar teoria e prática, pois muito do que aprendi na teoria comprovei na prática. Conforme já citado, ele foi meu primeiro exercício com o tema, e pretendo dar continuidade nos estudos se tiver oportunidade, pois as habilidades sociais são essenciais para a vida de qualquer ser humano que pretende se desenvolver integralmente. E aprender mais sobre esse assunto certamente irá acrescentar na minha vida pessoal e profissional.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Adriana Augusto Raimundo; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. **DVD Educativo para a promoção de habilidades sociais: Perfil de um recurso audiovisual e multimídia**. In: 61ª Reunião Anual da SBPC, 2009, Manaus-AM. Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC, 2009.

AMARO, Livia de Castro Pereira. **Habilidades sociais relevantes para alunos com e sem necessidades educacionais especiais segundo avaliação do professor**. 2012. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos UFSCar.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; MARTURANO, Edna Maria. **Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais**. *Estud. psicol.* (Natal), Natal, v. 7, n. 2, p. 227-235, Julho 2002.

CABALLO, Vicente E. **Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento**. São Paulo: Santos Editora, 1996.

CABALLO, Vicente. **Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais**. 1. ed. São Paulo: Santos Editora, 2012.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira.; DEL PRETTE, Almir. **Psicologia das habilidades sociais: terapia, educação e trabalho**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira.; DEL PRETTE, Almir. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira (orgs.). **Habilidades Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2014.

GOMIDE, P.I. **Estilos parentais e comportamento anti-social**. In: Del Prette & Del Prette (Org). *Habilidades Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem: Questões Conceituais, Avaliação e Intervenção*. 2<sup>a</sup>. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2014.

LEINER, Marie; CASANOVA, Maria Luiza Marinho. **Treinamento para resolver problemas sociais em crianças pequenas**. Tradução de Maria L. Casanova. Texas Tech University Health Sciences Center Paul L. Foster, School of Medicine, 2014.

MARINHO, Maria Luiza; CABALLO, Vicente E. **Comportamento antissocial infantil e seu impacto para a competência social**. *Psicologia, saúde & doenças*, Lisboa, v. 3, n.2, p. 141-147, 2002. Disponível em . Acesso em: 28 mai. 2016.

SANTOS, Izequias Estevam dos. **Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Impetus, 2005.